

REVISTA ADVENTISTA

JULHO DE 1966

O nosso Concílio Ecuménico
Página Editorial
Como dar o dízimo
Preparação para o tempo
de angústia
Curso de Colportores de 1966
Notícias do campo

ANO XXVII N.º 238

O nosso Concílio Ecuménico

A. CASACA

Também nós, embora pareça que não, tivemos o nosso Concílio Ecuménico. Efetuou-se, em Detroit, Michigan, e apresenta no registo das Assembleias da Conferência Geral o vistoso número da 50.ª Assembleia.

A História Eclesiástica regista o seu primeiro Concílio Ecuménico, em Jerusalém, conforme o relato do capítulo quinze dos Actos dos Apóstolos.

Pela graça de Deus tivemos o insigne privilégio de assistir a esta quinquagésima Assembleia da Conferência Geral, que representava os membros da nossa abençoada Denominação em número de 1 578 000 Adventistas do Sétimo Dia que integram as 14 650 igrejas, desde Caracas até Calcutá, desde Brisbane até Berlim.

Merece a pena, dilectos Irmãos e Irmãs, recordar que a primeira Assembleia Geral da Conferência Geral, efectuada em 1863 teve a presença de 20 delegados representando os membros Adventistas que totalizavam 280 membros, disseminados por seis únicos Estados da Nova Inglaterra.

Pela graça de Deus, decorridos cento e três anos, a quinquagésima Assembleia da Conferência Geral teve a maravilhosa assistência de 1400 Delegados que representavam todos os países do Mundo em que a Divina Mensagem tem sido apregoada.

Há que salientar o telegrama enviado ao Presidente dos Estados Unidos e assinado pelo Pastor Beach que foi aprovado por aclamação por toda a Assembleia.

Os trabalhos principiam às 7.30 de 16 de Junho e findaram no sábado, 25 de Junho, singularmente abençoado.

Entre todos os representantes e intervenientes nesta abençoada Assembleia foi unânime o parecer de que se salientou pela sua notável espiritualidade, sentindo-se, em todos os trabalhos efectuados, um elevado nível de consagração e ambiência religiosa.

No fim da alocução de abertura da 50.ª sessão da Conferência Geral o Irmão R. R. Figuhr, Presidente da Conferência Geral anunciou a sua decisão de se reformar. Eis o texto da sua declaração:

«Há doze anos que me pediram, pela primeira vez, que tomasse conta da direcção deste

movimento: fui, então, nomeado Presidente da Conferência Geral. Fui depois reeleito duas vezes e, devo dizer, que todos estes anos foram bons anos — e isso graças à bênção de Deus e graças ao magnífico espírito de cooperação dos nossos obreiros. Parece-me, contudo, que o tempo deslizou velozmente, durante estes três mandatos.

Chegou a hora de colocar o fardo da presidência em costas mais jovens. Quem, como eu, tiver contado os seus setenta anos, começa a sentir o peso da idade. Ora, a nossa época exige, para o lugar que eu ocupo, um homem activo, robusto e corajoso. Sinto-me feliz em poder dizer que o nosso grupo de Obreiros elegíveis se compõe de irmãos de experiência, cuja lealdade e consagração já deram a sua prova; não interessa qual de entre eles seria capaz de dirigir a denominação com competência na qualidade de Presidente da Conferência Geral. Recordo-me de haver dito, há 12 anos, que adoptaria o justo meio em todas as minhas transacções na presidência.

É, ainda, esta linha de conduta que eu recomendo, hoje, aos nossos dirigentes e aos nossos membros. Um dos antigos Presidentes dos Estados Unidos afirmava que o «meio termo» era o lugar em que se podia efectuar a obra mais construtiva — «o meio termo, e não a beira do caminho, quer seja o dos conservadores ou o dos liberais!»

Na sessão administrativa de 17 de Junho, a Comissão de nomeações apresentou no seu primeiro relatório o Irmão R. H. Pierson, presidente da Direcção Trans-Africana, como Presidente da Conferência Geral para o próximo quadriénio. Esta nomeação foi aceite por unanimidade.

No decorrer da terceira parte da sessão deste mesmo dia, foi apresentada a relação do Irmão Beach para o lugar de Secretário da Conferência Geral. A proposta foi, igualmente, aprovada por unanimidade.

Por ocasião da sua nomeação para a Presidência da Conferência Geral, o Pastor R. H. Pierson pronunciou a seguinte declaração:

«Presidente desta Assembleia, Irmão Figuhr, e vós, delegados reunidos, aqui, para esta impor-

(Continua na pág. 24)

SUMÁRIO

O nosso Concílio Ecuménico
Página Editorial
Apenas um Olhar
Ofertas Natalícias de Gratidão
«Ninguém Cuidou da Minha Alma»
Como dar o Dízimo do Senhor
Preparação para o Tempo de Angústia
Curso de Colportores de 1966 em Lisboa
Notícias da Beira
Notícias do Campo
O Auxiliar da Escola Sabatina

JULHO DE 1966

ANO XXVII N.º 238

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
J. M. MATOS, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17 - LISBOA

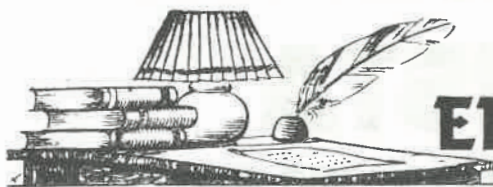
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3500

Assinatura anual 30500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs:

Foi meu privilégio poder assistir à 50.^a Assembleia da Conferência Geral como representante do nosso campo. Como noutra local podeis ler um breve relato dos trabalhos da Assembleia, limito-me, aqui, a trazer ao vosso conhecimento que toda a cidade de Detroit teve amplo conhecimento da Assembleia Adventista.

Toda a imprensa se referiu, largamente ao acontecimento que constituiu notícia obrigatória com apreciáveis informações a respeito das nossas actividades, ilustradas com fotografias e documentadas com gráficos e números.

Tanto de maneira directa como indirecta foram salientados os nossos princípios, desde a guarda do Santo Dia do Senhor, o Sétimo Dia, até à reforma sanitária.

Oremo ao Senhor pelo novo Presidente da Conferência Geral, Pastor Pierson, para que o assista e ilumine no bom desempenho das suas funções.

Que o Senhor se digne também confirmar as resoluções tomadas na Assembleia para que a Igreja concentre toda a sua actividade e esforços para apressar a Volta do Senhor Jesus, nosso bendito Salvador.

O Acampamento dos MV

Como sempre, reina o maior entusiasmo entre os nossos jovens, de todas as idades regulamentares, no que diz respeito ao próximo Acampamento dos MV.

O Acampamento já faz parte da orgânica dos MV; por isso contam

(Continua na pág. 11)

3.º Trimestre de 1966

JULHO

- 2 — Dia da Voz de Profecia (Inscrições para a Escola Bíblica-Postal)
- Oferta para o Fundo da Rádio
- 9 — Dia Médico-Missionário
- 30 — Educação Cristã e Oferta para as Escolas Primárias

AGOSTO

- 6 — Dia Pró-evangelização de novos territórios
- Oferta para a Sociedade Missionária

SETEMBRO

- 3 — Dia dos Vendedores Evangelistas e Oferta para a Sociedade Missionária
- 17 — Dia de Baptismos
- 24 — 13.º Sábado

Apenas um Olhar

por CARLOS KASTL

“Olhando para Jesus”. Heb. 12:2.

ASSIM escreveu o apóstolo às igrejas daquele tempo, quando a Palavra de Deus era proclamada com grande poder, acabando por conquistar, sob indizíveis dificuldades, o mundo então conhecido. Certo era que o Salvador ascendera ao Céu, de modo visível; entretanto, mediante Sua Palavra como que O tinha ainda em seu meio. Aqui eles O encontravam em Seu viver e Suas obras diárias, ouviam-Lhe as inesquecíveis falas, viam-n’O em Suas acérrimas e sempre vitoriosas lutas com os poderes satânicos. Que esse cotidiano olhar a Jesus não era particularidade dos membros mais idosos da igreja, mas se testemunhava também por parte da juventude, serve aos nossos jovens de incentivo para os imitar.

Essa juventude, fortalecida em Deus e por Deus, aprendera do passado e estava cônica de ter sido por Deus constituída «reino sacerdotal.» Também dos jovens de nossos dias se pode com razão dizer que são fortes no Senhor e na força de Seu poder. Experiências e relatos das igrejas e dos departamentos MV provam sempre que nossa juventude do advento aprendeu do passado do povo de Deus e se prepara cabalmente para a finalização da obra. E não é para menos, pois se trata de alcançar o altíssimo alvo de proclamar o evangelho a todo o mundo, nesta geração. Esta tarefa grandiosa requer diário estudo da Palavra de Deus. O astuto inimigo de nossa salvação, entretanto, tenta sempre e sempre fazer que os seguidores de Cristo dirijam o olhar para outras coisas. Serve-se ele da experiência de longos milênios para arrastar os homens para a perdição.

Um só olhar infeliz, outrora, por pouco não destruía um nobre homem de Deus. Tivesse ele caído do terraço, quebrando braços e per-

nas, e o mal não teria sido tão funesto como o que teve por consequência aquele olhar. Lêde, em II Samuel 11 e 12, o relato da tragédia desencadeada por aquele só olhar. Foi esse o instante em que um grande homem tropeçou, e cambaleante resvalou declive abaixo. Teve êxito Satanás, naquela ocasião, ao atingir com um dardo inflamado aquele homem que trazia na frente o diadema real (tratava-se de David), causando-lhe um ferimento quase mortal, e que lhe deixou uma cicatriz que por toda a vida lhe acarretou dores cruéis. E não só a ele, mas a todos os de sua casa, e a todos com quem tinha de tratar. Quanto mais achedados a ele, maior a dor que curtiavam, pois teve ele que pagar quadruplicado a ovelha que furtara.

Também a mulher que, no eirado vizinho, se preparava para o banho, aliás com a leviandade e indiscrição peculiares a tanta mulher e tanta menina (e que muitas vezes dissimula inconscientemente um ror de coisas, que a muito homem se tornou tremenda provocação e cilada) — também aquela mulher, que naquele momento ainda de nada suspeitava, é arrastada para o remoinho produzido pelo vendaval do pecado.

Quanto mal não proveio daquele olhar infeliz! Abrasamento sensual! Adultério! Mentira e traição! Homicídio! Tormento infindo, para a família e o povo! Quão terribes, as consequências do pecado! E por quanto tempo actuam elas! Tomemos, pois, a peito as palavras do apóstolo S. João, as quais dirige aos robustos mancebos e donzelas em sua primeira carta, no segundo capítulo, versículos 15-17. A «concupiscência dos olhos não é do Pai, mas é do mundo.»

Não olhes para lá! Não acredites que hás-de resistir! David também isso pensou, e tantos lhe se-

guiram o triste exemplo, tendo fim trágico. Mesmo que não chegues ao extremo a que chegou David, nem por isso deixarás de sofrer dano! Teu mundo íntimo, dos pensamentos, sofrerá a perseguição de um espectro de que não mais te poderás livrar. Quanta mancha escura em teu íntimo te dilacera a alma, incitando-tê e torturando-te mediante gravuras que bem desajarias afugentar para sempre! Não olhes àquilo que se destina a sujar tua fantasia. Evita tudo que te possa arruinar moralmente! Foge dos desejos da mocidade! Por isso foi Jesus suspenso da cruz, a fim de que, para Ele olhando, te libertes e não te enredes em desvios dos tempos passados.

Por que razão caiu David tão tristemente? Seu povo estava em apuros. Frente a frente com o inimigo, lutavam seus heróis. O rei, porém, dava-se ao descanso. Negligentemente conduzia ele a obra do Senhor. E não há promessas de bênção aos negligentes. «A ociosidade é o princípio de todos os vícios.» diz um provérbio. Únicamente uma actividade sem tréguas, para o Senhor, pode guardar-nos da ruínosa influência do espírito que hoje rege o mundo. «Pela manhã semeia a tua semente, e à tarde não retires a tua mão, porque não sabes qual prosperará; se esta, se aquela, ou se ambas igualmente serão boas.» Ecl. 11:6. Ajuda também tu, a fim de que todo adventista se torne um vivo missionário.

Grande, muito grande foi a queda de David. Uma época terrível se seguiu à sua embriaguez de um momento. Emocionados lemos a sua queixa: «Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a Tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo as multidões das Tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade, e purifica-me do meu pecado. Porque eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim.» Sal. 51:1-3. «Quando eu guardei silêncio envelheceram os meus ossos, pelo meu bramido em todo o dia. Porque de dia e de noite a Tua mão pesava sobre mim; o meu humor se tornou em sequeidão de estio.» Sal.

(Continua na pág. 15)

“Ninguém Cuidou da Minha Alma”

— **H**Á quanto tempo já nos conhecemos? foi a pergunta inesperada feita ao Sr. Reynolds por um vizinho, ao se defrontar com ele na rua.

Depois de pensar por alguns momentos, o Sr. Reynolds respondeu:

— Uns quinze anos, creio...

— Sr. Reynolds, continuou então o bom vizinho, o senhor se diz cristão, não é verdade?

— Ora, que dúvida! Sim, sempre fui cristão, foi a resposta.

— O senhor acredita, Sr. Reynolds, que eu para me salvar preciso aceitar também a Jesus como meu Salvador pessoal?

Reynolds respondeu que sim. Então o amigo continuou perguntando:

— O senhor apreciaria que eu me salvasse, ou isto lhe é indiferente?

— Oh, por certo quero que se salve! foi a resposta.

Bem, eu não gostaria de ofender seus sentimentos, mas não acredito que o senhor se importe com o meu destino. Pois, como diz, conhecemo-nos há quinze anos. Sempre fomos bons amigos. Muitas vezes jantámos juntos, e através destes longos anos conversámos sobre todos os assuntos que se possam imaginar, mas o senhor nunca me falou de Cristo, nem ao menos mencionou o Seu nome na minha presença. O senhor é um grande comerciante nesta cidade e é também grande amigo meu. Viesse o senhor em qualquer tempo me dizer que Jesus lhe era precioso, ou me chamasse a atenção neste sentido, eu o teria escutado com a maior atenção. O senhor nunca o fez. Naturalmente, quando agora lhe pergunto se apreciaria a minha salvação, o senhor diz que sim, mas não acha que se de facto minha salvação não lhe fosse indiferente, o senhor me teria dito qual-

quer coisa neste sentido durante estes quinze anos?

O Sr. William Reynolds, espantado e envergonhado, fitava o amigo, e comovido confessou-lhe que de facto desperdiçara muitas oportunidades que Deus lhe dera para falar a esse seus amigo e a muitos outros a respeito da salvação.

Agora o Sr. Reynolds pergunta ao amigo: — Que foi que o levou a me fazer essa pergunta hoje?

Em resposta, o amigo de tantos anos passou a contar o que lhe acontecera no dia anterior, quando viajava no trem de Chicago: — Um homem desconhecido sentou-se ao meu lado e depois dos cumprimentos, e de algumas observações sobre o tempo, fez-me esta pergunta:

— O senhor é cristão?

Não tínhamos ainda falado muito tempo, quando ambos baixámos a cabeça e o desconhecido orava por mim, pedindo a Deus que não me desse sossego nem paz, até que eu achasse paz e descanso em Jesus, o Salvador. De repente anunciou-se o nome de uma estação. O homem ao meu lado levantou-se, dizendo:

— Preciso ficar aqui. Passe bem, amigo, mas, não se esqueça de que «agora é o tempo aceitável, hoje é o dia da salvação». O homem estava quase desaparecido, quando me lembrei de perguntar-lhe o nome. Segui-o correndo, e pedi:

— Seu nome, por bondade?

O homem respondeu: — Eu me chamo D. L. Moody.

— Sr. Reynolds, continuou o amigo, eu já ouvira que Moody escolhera como profissão vitalícia cuidar da salvação de almas. Estou certo: Moody cuidou também de minha alma. Estou resolvido a procurar novo encontro com aquele senhor e tratar com ele mais de perto deste assunto, até resolvê-lo definitivamente, porque em verdade, não posso encontrar paz e sossego.

William Reynolds, porém, mudando de atitude, não deixou o amigo ir-se embora nessa condição aflita de alma. Ali mesmo, na es-

(Salmo 142:4, ú. p.)

quina da rua, enquanto as sombras da noite os iam envolvendo, contou ao amigo o melhor que sabia acerca de Jesus, levando o sedento a dedicar a vida completamente ao Salvador, e quando este novo discípulo de Jesus voltava ao seu lar, erguia ao céu estrelado as mãos, exclamando com o publicano: «Senhor, tem misericórdia de mim, pecador!»

William Reynolds também voltava, dizendo: «Perdão, Senhor! alguma coisa não anda certa no meu cristianismo. Sou primeiro ancião da igreja desta cidade, sou um dos comerciantes mais influentes aqui, e contudo um dos meus vizinhos pode dizer que eu durante quinze anos, estando com ele quase diariamente, nunca lhe mencionei o nome de Jesus, e nunca fiz a menor tentativa de levá-lo ao Salvador.

William Reynolds comoveu-se tanto com esta experiência que se convenceu da necessidade de mudar seu cristianismo. Para começar resolveu procurar ele mesmo o Sr. Moody. E foi o que fez. Sua vida mudou-se totalmente, e seu interesse principal daí por diante foi: levar almas para Cristo. Durante anos foi instrumento ao serviço do Mestre, ganhando velhos, jovens e crianças.

A palavra bíblica «Ninguém cuidou da minha alma» devia penetrar profundamente em nosso coração. — *Tradução de Eugénio Weidle, de Zeichen der Zeit, N.º 4, 1915.*

O DÍZIMO, como dizem as Sagradas Escrituras, transmite grandes bênçãos dos Céus ao nosso coração, fazendo-nos sentir a grande necessidade de transmitirmos palavras de consolação às almas aflitas. Devemos portanto, manter íntima comunhão com Deus, como doador da vida. Como fiéis dizimistas, nestes últimos dias da história da Terra, revelemos ao mundo as maravilhas do infinito amor de Deus, nosso amoroso Salvador.

O Senhor nos ordena constantemente que, ao oferecer-Lhe nossas dádivas em prol da extensão de Sua obra, haja em nosso coração verdadeiro espírito de adoração e reverência. Roguemos, pois, ao Senhor, a fim de que Suas bênçãos sejam extensivas a todos os Seus filhos, despertando neles verdadeira alegria em servi-Lo de todo o coração.

Lemos: «E o povo se alegrou do que deram voluntariamente, porque com coração perfeito voluntariamente deram ao Senhor, e também o rei David se alegrou com grande alegria.» I Crón. 29:9. Estas declarações inspiradores da Palavra de Deus contêm amplas advertências, que nos enriquecem grandemente, com promessas confortadoras da vida eterna.

Todos os fiéis obreiros do Senhor são advertidos a contribuir voluntariamente com seus recursos financeiros em prol da grande obra missionária em toda a Terra. Assim, dar fielmente o Dízimo do Senhor é dever sagrado. Tem sido o recurso mais poderoso na restauração moral do homem; revelando-lhe preciosas bênçãos dos Céus. Devemos, portanto, vencer o espírito de ganância e egoísmo, dando fielmente o Dízimo, a fim de que as divinas mensagens de misericórdia alcancem rapidamente as almas que anseiam pela salvação, nesta hora tormentosa da história da Terra.

Devemos dar o Dízimo com verdadeira alegria, com sinceridade, e de coração, demonstrando grande prazer em servir ao Senhor. Diz o apóstolo S. Paulo: «Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria. Porque a admi-

Como dar

O DÍZIMO DO SENHOR

por JOAQUIM F. DE OLIVEIRA

nistração deste serviço, não só supre as necessidades dos santos, mas também abunda em muitas graças, que se dão a Deus.» II Cor. 9:7 e 12. São estes conselhos fiéis e orientadores, que nos esclarecem porque devemos dar ao tesouro do Senhor todas as nossas contribuições, e como fazê-lo.

O Dízimo é sagrado. Seu valor é grandioso, pois transmite bênçãos especiais a um mundo prestes a perecer. Deve ser honrado com verdadeiro espírito de amor. Diz a irmã White: «No uso de cada níquel deve ser visto se amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.» — *Parábolas de Jesus*, pág.351.

Devemos dar o Dízimo com espírito de abnegação e humildade. Lemos: «A humildade, a abnegação, a benevolência e o pagamento fiel do Dízimo, isto mostra que a graça de Deus está operando no coração.» — *Mensagens aos Jovens*, pág. 301.

Devemos dar o Dízimo como uma obrigação escriturística! «Embora o devolver o Dízimo não constitua prova de discipulado, é ele reconhecido como uma obrigação bíblica que todo crente tem para com Deus, e como uma das práticas espirituais em que deve ter parte ao reclamar pela fé a plenitude da bênção da vida e da experiência cristãs.» — *Manual da Igreja*, pág. 186.

Devemos dar o Dízimo com fé e coragem. «O plano de Deus no sistema do Dízimo é belo em sua simplicidade e igualdade. Todos

dele podem lançar mão com fé e coragem, pois é divino em sua origem.» — *Obreiros Evangélicos*, pág. 220.

Devemos dar o Dízimo com toda a liberalidade. «A fim de que haja fundos na tesouraria para a manutenção do ministério, e para atender aos pedidos de auxílio para empreendimentos missionários, é necessário que o povo de Deus dê alegre e liberalmente.» — *Actos dos Apóstolos*, pág. 341.

Assim, aconselha-nos a mensagem do Senhor a permanecermos fiéis aos princípios divinos, dando fielmente o santo Dízimo, a fim de participarmos da graça redentora de Deus, engrandecida por Cristo na cruz do Calvário. Revelemos, assim, verdadeira adoração a Deus como único Criador de todas as coisas.

Devemos dar o Dízimo com verdadeira gratidão em nossa alma. Não devemos fazê-lo com espírito de descontentamento, julgando ser ele um fardo insuportável, ou que suas exigências nos conduzam a grande pobreza ou sofrimento. Sabemos, porém, que a fidelidade a Deus é o motivo de toda a prosperidade e segurança do crente. Diz o profeta Isaías: «Mas o liberal projecta coisas liberais, e pela liberalidade está em pé.» Isaías 32:8.

Assim, dando fielmente o Dízimo do Senhor, damos provas infalíveis de que temos paz com Deus, e juntamos nos Céus o maior tesouro, que o mundo nunca jamais pode conhecer.

para o Tempo de Angústia

«Naquele tempo Se levantará Miguel, o grande Príncipe, que Se levanta pelos filhos do Teu povo, e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o Teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro.»
Daniel 12:1.

O MUNDO tem passado por muitos tempos de angústia. Duas grandes guerras mundiais, com suas terríveis consequências, ainda estão bem vividas na memória de muitos de nós. No fim do século dezoito, a Revolução Francesa e o desejo de conquista por parte de Napoleão deixaram angústia e desolação em sua esteira. Diz-se que no século catorze, a peste negra que irrompeu sobre a Europa Ocidental destruiu metade da população.

Em tempos mais remotos, as invasões maometanas provocaram consternação na Europa, trazendo sofrimento para milhões de pessoas. Considerai também as desgraças que acompanharam a expansão do Império Romano no apogeu dos Césares, e as agonias suportadas quando Alexandre, Nabucodonosor e Sargão sujeitaram nação após nação. Através de todas as épocas, inumeráveis perseguições, fomes, enchentes, terremotos e outros flagelos trouxeram inenarrável desdita à família humana. Nenhuma destas situações, porém, mesmo a pior delas, pode comparar-se com o grande tempo de angústia que está à frente.

De acordo com Daniel, esse tempo começará quando Miguel Se levantar. As escrituras demonstram claramente que Miguel é Cristo. Em S. Judas 9 Ele é identificado como «Arcanjo». Em I Tessalonicenses 4:16 declara-se que a voz do Arcanjo ressuscitará os mortos por ocasião do Segundo Advento. Mas em S. João 5:25-29 nosso Senhor afirma enfaticamente que Sua própria voz — a voz do Filho de Deus — chamará os santos que dormem na sepultura.

Que significa o acto de Cristo levantar-Se? Em Daniel 7:9-14 o

Ancião de Dias é descrito como estando assentado no juízo que antecede o estabelecimento do reino eterno: «Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos,» declara Daniel, «e um Ancião de dias Se assentou... Assentou-se o juízo, e abriram-se os livros.» Em seguida «eis que vinha nas nuvens do céu Um como o Filho do homem; e dirigiu-Se ao Ancião de Dias, e O fizeram chegar até Ele.» O juiz sempre permanece sentado durante os julgamentos na corte de justiça. Após ser proferida a sentença, ele se levanta e sai da sala do tribunal.

Cristo nosso Mediador está agora assentado à dextra do Pai, empenhando-Se na obra do julgamento. Dentro em breve esta obra chegará ao fim, e cessará Seu ministério mediador. Então nosso grande Sumo Sacerdote Se levantará para tirar as vestes de intercessão e cobrir-Se com o traje de vingança. Nessa hora significativa começarão a cair as sete últimas pragas e iniciar-se-á o tempo de angústia.

Temos portanto razões para concluir que o tempo de angústia coincidirá com o derramamento das sete últimas pragas. Pois «quando Cristo cessar de interceder no santuário, será derramada a ira que, sem mistura, se ameaçara fazer cair sobre os que adoram a besta e sua imagem, e recebem o seu sinal. As pragas que sobrevieram ao Egito quando Deus estava prestes a libertar Israel, eram de carácter semelhante aos juízos mais terríveis e extensos que devem cair sobre o mundo precisamente antes do libertamento final do povo de Deus.» — *O Conflito dos Séculos*, (nova ed. revista), pág. 679.

O tempo de angústia será também a culminância do período agi-

tado que deve preceder a segunda vinda do Senhor. «Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.» II Timóteo 3:1. A palavra *chapeloi*, traduzida aí por «trabalhosos», significa «penosos», «severos», «opressivos», «perigosos», «pungentes», «difíceis», «cruéis». Certa versão inglesa traduz a expressão grega *kairoi chapeloi* por «tempos de tensão». Certamente temos chegado a tempos assim.

É fatal imaginar que haverá tempos melhores à frente. Em vez disso devemos prever que «os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados» (II Tim. 3:13), e que as circunstâncias e as aflições tornar-se-ão cada vez mais difíceis até serem proferidas as solenes palavras: «Está feito» (Apoc. 16:17). Então a tempestade da ira de Deus irromperá sobre um mundo desabrigado.

Uma Provação Para o Povo de Deus

Tanto as Escrituras como os escritos do Espírito de Profecia asseguram-nos que o tempo de angústia será uma terrível provação para o povo de Deus. Escreve a serva do Senhor: «Dá-se muitas vezes o caso de se supor maior a angústia do que em realidade o é; não se dá isso, porém, com relação à crise diante de nós. A mais vívida descrição não pode atingir a grandeza daquela prova.» — *Idem*, pág. 674.

Em primeiro lugar, o tempo de angústia será uma época de grande sofrimento físico. Como bem sabemos, as pragas serão o derramamento da ira de Deus sobre os ímpios, especialmente sobre os que participaram de maneira mais proeminente na grande apostasia e na

arremetida de Satanás contra a igreja remanescente. «Estas pragas não são universais, ao contrário os habitantes da Terra seriam inteiramente exterminados. Contudo serão os mais terríveis flagelos que já foram conhecidos por mortais.» — *Idem*, pág. 680.

Quão intenso será o sofrimento físico causado pelas pragas, evidencia-se na declaração de Apocalipse 16:10 e 11: «Os homens remordiam as línguas por causa da dor que sentiam, e blasfemaram o Deus do Céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e não se arrependeram de suas obras.»

O povo de Deus não estará inteiramente livre de sofrimento durante este período. Na verdade, os justos experimentarão, pelo menos em parte, alguns dos efeitos das pragas. Em Apocalipse 7:13-17 João descreve um grupo especial que emerge do tempo de angústia. Afirma-se a respeito deles: «Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles.»

A Mensageira do Senhor escreveu o seguinte sobre esse grupo: «O povo de Deus não estará livre de sofrimento; mas, conquanto perseguidos e angustiados, conquanto suportem privações, e sofram pela falta de alimento, não serão abandonados a perecer.» — *Idem*, pág. 680. E ainda mais: «Viram a Terra devastada pela fome e pestilência, o Sol com poder para abrasar os homens com grandes calores, e eles próprios suportaram o sofrimento, a fome e a sede.» — *Idem*, pág. 701.

O tempo de angústia será igualmente uma época de forte aflição espiritual. A vida do povo de Deus correrá perigo por não condescenderem com as exigências eclesiásticas e estatais para reconhecerem o dia de descanso da grande apostasia. «Foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.» Apoc. 13:15.

Actualmente não percebemos o significado desta declaração das Escrituras. A vida prossegue em ritmo suave para a maioria de nós. Em muitos países gozamos da estima dos governadores e do povo, e

agradecemos a Deus por essas visíveis bênçãos. Todavia, tais atitudes favoráveis serão retiradas um dia, e em seu lugar se decretarão leis para eliminar os adventistas do sétimo dia da face da Terra.

Um Tempo de Angústia

Faremos bem em ler repetidas vezes estas solenes palavras da pena inspirada: «Quando o decreto promulgado pelos vários governantes da cristandade contra os observadores dos mandamentos lhes retirar a protecção do governo, abandonando-os aos que lhes desejam a destruição, o povo de Deus fugirá das cidades e vilas e reunirá-se em grupos, habitando nos lugares mais desertos e solitários. Muitos encontrarão refúgio na fortaleza das montanhas... Muitos, porém, de todas as nações, e de todas as classes, elevadas e humildes, ricos e pobres, pretos e brancos, serão arrojados na escravidão mais injusta e cruel. Os amados de Deus passarão dias penosos, presos em correntes, retidos pelas barras da prisão, sentenciados à morte, deixados alguns aparentemente para morrer à fome nos escuros e nauseabundos calabouços. Nenhum ouvido humano lhes escutará os gemidos; mão humana alguma estará pronta para prestar-lhes auxílio.» — *Idem*, pág. 677.

Nesse tempo Satanás lançará as mais fortes tentações sobre o povo de Deus, e o Senhor permitirá que eles sejam provados ao máximo. Penetrantes perguntas lhes absorverão a atenção: «Foi confessado todo pecado?» «Reparou-se todo o erro?»

A angústia mental e espiritual que o povo de Deus suporta nessa ocasião é descrita apropriadamente em Jeremias 30:5-7: «Ouvimos uma voz de tremor e de temor, e não de paz. Perguntai, pois, e vede, se acaso um homem tem dores de parto. Por que vejo, pois, a cada homem com as mãos na cintura, como a que está dando à luz? e por que se tornaram pálidos todos os rostos? Ah! que é grande aquele dia, e não há outro semelhante! é tempo de angústia para Jacob; ele, porém, será livre dela.»

Graças a Deus por essa última frase: «Ele, porém, será livre dela!» O povo do Senhor será libertado do que parecerá ser as garras

da morte. «Naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro.» Daniel 12:1. Mas isto não sucederá antes que eles passem pelo maior tempo de angústia e aflicção que a raça humana já viu.

Deus não revelou a magnitude da grave crise futura para aterrozar-nos. Com efeito, Ele prometeu proteger-nos nessa época terrível. «Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido. Somente com os teus olhos olharás, e verás a recompensa dos ímpios. Porque Tu, ó Senhor, és o meu refúgio! O Altíssimo é a tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará à tua tenda.» Sal. 91:7-10.

Também podemos animar-nos com as palavras do Salmo 46:1-3: «Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude, e ainda que os montes se transportem para o meio dos mares; ainda que as águas rujam e se perturbem, ainda que os montes se abalem pela sua braveza.» Realmente, não precisamos temer o tempo de angústia, mas devemos estar preparados para ele.

Como Preparar-nos?

Em primeiro lugar, cumpre-nos adquirir pessoal e amplo conhecimento das Escrituras e da verdade, pois todo professo observador dos mandamentos terá de permanecer em pé e testemunhar por si só. Então não nos será possível depender do conhecimento e da experiência de outrem. Agora é a ocasião propícia para entesourar na mente os sublimes assuntos da Palavra de Deus e os impressionantes princípios da verdade.

Aconselhou a Sr.^a Ellen G. White: «Os servos de Cristo não deviam preparar determinado discurso para apresentar, quando levados a juízo. Sua preparação devia ser feita dia a dia, entesourando as preciosas verdades da Palavra de Deus, e robustecendo a própria fé mediante a oração. Quando levados a julgamento, o Espírito Santo lhes traria à memória as próprias verdades que forem necessárias... O conhecimento obtido por meio de diligente exame das Escrituras,

Curso de Colportores de 1966 em Lisboa

De 21 a 31 de Maio esteve conosco o secretário das Publicações da nossa Divisão, pastor E. Naenny, que uma vez mais nos deu a sua valiosa ajuda e sábias directrizes para o progresso da colportagem no nosso país.

Com um belo programa audio-visual da sua autoria, «Batei e Abriu-se-vos-á», visitamos, numa curta viagem de cinco dias, uma boa parte das nossas igrejas do norte e centro do país. Graças às experiências reais e encorajadoras contidas nesse programa, os nossos crentes puderam ter uma visão mais exacta do objectivo e resultados da colportagem evangelística — a salvação de almas!

Das várias igrejas visitadas, vinte irmãos e irmãs manifestaram já o desejo de fazer uma experiência neste trabalho de evangelização. Rogamos a Deus que confirme estas decisões e as transforme em vocações para o seu Ministério.

Na 6.ª feira à noite, dia 27 de Maio, o irmão Naenny apresentou-

-nos a primeira reunião na igreja central de Lisboa, intitulada «As Publicações e a finalização da Obra de Deus», iniciando assim o Curso de Colportores de 1966, que durou até terça-feira seguinte, 31 de Maio. Limitando ao mínimo a parte teórica, insistiu-se sobretudo em dois pontos que foram a «nota tónica» deste Curso, porque queremos que sejam, de igual modo, no nosso trabalho: o aspecto prático e o aspecto espiritual da colportagem!

Era nossa intenção aproveitar ao máximo deste encontro, só possível uma vez em cada ano, para aprendermos da experiência de cada um. Todos colaboraram, uns apresentando os seus métodos de trabalho, e outros fazendo a apresentação em público dos vários livros que vendemos. A crítica objectiva e construtiva, feita pelos próprios colegas, permitiu-nos eliminar alguns erros e destacar os pontos de interesse, que farão parte da técnica de todos. Reinou um bom espírito de equipa num verdadeiro ambiente de «mesa redonda».

seria trazido, qual relâmpago, a iluminar a memória no momento oportuno. Mas se alguém houvesse negligenciado relacionar-se com as palavras de Cristo, se nunca houvesse experimentado o poder da graça na provação, não poderia esperar que o Espírito Santo lhes trouxesse à lembrança as Suas palavras.» — *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 262 e 263.

Se não conseguimos andar pela fé agora, se murmuramos e nos queixamos quando molestados por pequenas tribulações, se não possuímos forças suficientes para dar um testemunho firme e coerente nestes dias de relativa paz e segurança, como poderemos esperar permanecer impassíveis ao se desencadear as próprias forças infernais? «Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com os que vão a cavalo? Se em terra de paz não te sentes seguro, que farás na floresta do Jordão?» Jer. 12:5.

Não é tempo agora de nos preocuparmos com trivialidades; não é

tempo agora de colocarmos as efeições nas coisas do mundo, pois as questões eternas devem despertar-nos a mais vigorosa atenção. «Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui na Terra.» Col. 3:1 e 2. Se cultivarmos semelhante atitude agora que os tempos são favoráveis, acharemos muito mais fácil fazer o mesmo quando for removido tudo aquilo em que os homens buscavam segurança.

Finalmente, podemos preparar-nos obtendo genuína experiência de salvação antes de terminar o tempo da graça. Aproxima-se o dia em que será demasiado tarde para buscar o Senhor. Quando acabar o juízo investigativo, os casos de todas as pessoas — tanto justas como injustas — estarão resolvidos definitivamente. Sairá então a proclamação no Céu: «Continue o injusto fazendo injustiças, continue o imundo ainda sendo imundo; o

Foi a parte espiritual que mereceu a nossa melhor atenção. Este aspecto do nosso Curso esteve a cargo do pastor Samuel Graça, que começando por nos lembrar o grande privilégio que temos de colaborarmos nesta Obra, progressivamente falou-nos do que as igrejas esperam do colportor e da grande responsabilidade que recai sobre nós, como colportores, na pregação do Evangelho, nos nossos dias.

Os trabalhos do Curso culminaram numa cerimónia de Santa-Ceia, que foi ao mesmo tempo a nossa reconsecração a Deus para o Seu serviço. Todos partimos com o propósito de cada colportor ser acima de tudo um EVANGELISTA, que prepara o terreno e abre novas portas para o pastor, para a Igreja e para o Evangelho.

Para a realização deste ideal, além da indispensável ajuda Divina, continuamos a contar, da parte dos nossos crentes, com as orações, a simpatia e a consagração de muitos mais a este trabalho.

Vosso no Mestre

J. Dias

juste continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.» Apoc. 22:11.

Naquele dia dirá uma classe de pessoas: «Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos.» Jer. 8:20. O Senhor não nos deixou em dúvidas quanto à identificação desta classe. «Mas se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu Senhor demora-Se, e passar a espancar os seus companheiros, e a comer e beber com os ébrios, virá o Senhor daquele servo em dia em que não o espera, e em hora que não sabe.» S. Mat. 24:48-50. Essa classe de pessoas pretende aguardar a vinda do Senhor. Por certo tenciona preparar-se para esse acontecimento, mas preferiu seguir o mundo.

Quão trágicas serão as consequências de semelhante atitude! Queira Deus ajudar-nos a estar prontos — a submeter-Lhe o coração e a vontade, a receber Seu Espírito e a buscar Sua orientação cada dia de nossa vida.

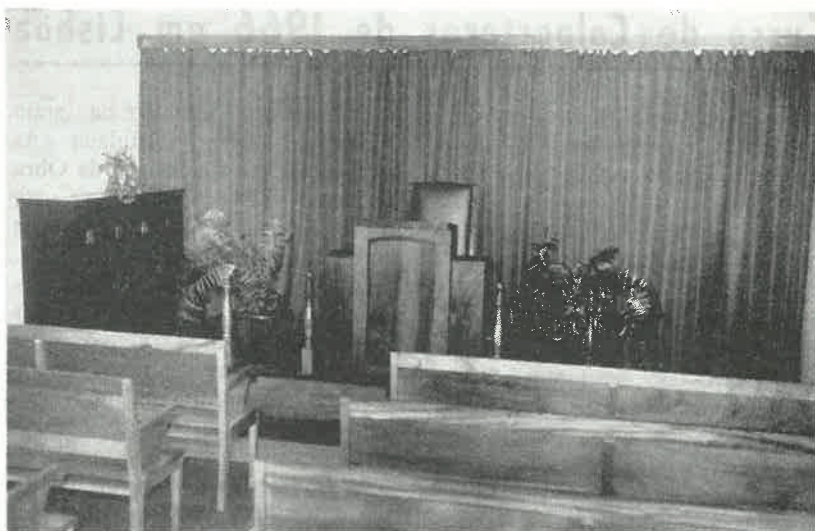
NOTÍCIAS

DA BEIRA

Passado que foi um ano de serviço na causa do Senhor na Beira — Moçambique alegramo-nos por podermos transmitir algumas boas notícias aos prezados leitores da Revista Adventista.

Ao chegarmos a esta cidade com o fim de nela apresentarmos o Evangelho, muitas apreensões tivemos de como todas as coisas seriam encaminhadas uma vez que tantas dificuldades tinham acompanhado os dedicados esforços daqueles que aqui nos antecederam na Causa; entretanto, confiamos inteiramente que, se o Senhor nos enviava a este lugar, seria porque alguém aqui esperava a Boa Nova da Salvação. Graças pois a esta confiança, às preces de todos aqueles que oraram por este trabalho, e às forças que nos vieram do Senhor, nos é dado hoje o privilégio de vos relatar o que a seguir segue.

O dia 10 de Abril de 1965 (primeiro Sábado aqui passado) poderá ser considerado «o dia dos humildes começos»; a essa primeira reunião juntou-se a nós somente a Irmã Domingas Claudino (bapti-



A nova sala de culto; a tribuna

zada em 1952 na Igreja de Lisboa, e que reside na Beira há uma dezena de anos); mas Sábado após Sábado o grupo ia pouco a pouco aumentando e presentemente são cerca de 40 os membros inscritos na Escola Sabatina da Cidade.

Uma das principais preocupações que enfrentámos foi a abertura duma sala onde publicamente a Palavra de Deus pudesse ser pregada e após muita oração nesse sentido vimos o Senhor removendo as dificuldades e concedendo essa bênção. Tivemos pois a alegria de ver ser consagrado um lugar de culto acolhedor, embora bem modesto, que pode receber umas 70 almas.

Até ao momento em que vos escrevemos estas linhas, vimos descer às águas baptismas 4 Irmãos testemunhando assim a sua entrega a Jesus. Seria por certo interessante mas também demasiado longo, passar a comunicar-vos a experiência de cada uma destas preciosas almas que constituem as primícias do trabalho na Beira, a maneira como conheceram a mensagem, as provas pelas quais passaram. Mas gostaríamos pelo menos de vos relatar em breves palavras a experiência de 2 delas. A primeira é de um jovem, alistado na Força Aérea, que recebeu um dia um folheto nosso acerca da Segunda Vinda de Jesus. O jovem leu-o atentamente e pensou: «é-me mister tomar conhecimento deste Caminho e destas verdades»; o folheto tinha

o número da Caixa Postal da Igreja para onde ele enviou uma carta pedindo a possibilidade de melhor conhecer a Palavra de Deus; semana após semana se foi apossando das Verdades Eternas e pondo em prática o que ia aprendendo ser a vontade de Deus; chegou enfim o dia por ele tão ansiado: o seu dia de baptismo. Um pequeno grupo de crentes e visitas assistiu nesse dia memorável a esta singela mas impressionante cerimónia na qual o primeiro jovem a ser baptizado na Beira sepultava a sua vida passada nas águas do Índico e se unia à Igreja Militante.



O baptismo do 1.º jovem, no Índico



Os primeiros Irmãos europeus da jovem igreja da Beira



O baptismo da jovem de que fala o artigo

O outro caso trata-se duma jovem que, frequentando o Liceu a cujo ensino se sentia tão bem adaptada (encontrava-se até no Quadro de Honra), a partir de determinado momento sente o desejo de pôr a sua vida de harmonia com a vontade divina; para isso, e no que respeita ao Sábado, apresentou um requerimento, na devida Repartição oficial; mesmo sem saber qual seria a resposta, passou a guardar o dia que Deus manda; atingiu o limite de faltas permitidas e ultrapassou-o correndo até o risco de perder o ano lectivo, e após esgotados todos os recursos aceita mudar para o ensino particular e isso a sacrifício monetário de seus pais e a seu sacrifício também, uma vez que teve de separar-se de suas colegas e professoras que tanto estimava. Via-se a fúria do inimigo das almas que não estava contente com a decisão desta jovem mas o Senhor não a desamparou e a vitória foi ganha; há algumas semanas atrás vimo-la descer às águas baptismas; foi esse também um dia feliz para a infante Igreja da Beira.

A alguns quilómetros da cidade, numa propriedade que, já de há anos pertence à nossa Organização, está, também, soando a pregação do Evangelho, sendo a população autóctone a nossa preocupação, na-

com ele, sonham com ele, suspiram por ele.

São dias que os nossos jovens podem viver em contacto com a obra da Criação, longe das complicações da civilização que sobrecarregam o espírito fazendo-nos esquecer a realidade da vida espiritual.

Todas as actividades do acampamento são devida e grandemente apreciadas. Por isso, não é de estranhar o entusiasmo com que os nossos jovens desejam o acampamento e nele tomam parte.

Que Deus abençoe o Acampamento dos MV e que as sua realização seja para a glória de Deus, para a salvação de muitas almas e que se transforme num maravilhoso convívio com o nosso Divino Salvador.



quele lugar. Ali se encontra um Catequista com sua família ocupando-se do trabalho e foi já possível construir-se uma igreja onde os crentes se reúnem aos Sábados e também aos Domingos à tarde. Estamos certos de que gostareis de conhecer alguns pormenores do desenvolvimento da Obra de Deus naquele local e assim, mais tarde, se nos permitirem, ocuparmos novamente algumas linhas da página da Revista dedicada às notícias.

Por ora resta-nos pedir-vos, prezados leitores e Irmãos na Fé, que oreis para que a obra aqui iniciada possa ser levada por diante PARA HONRA e GLÓRIA DE DEUS.

Maria Rosa Saboga Nunes

Exames

Findaram ou estão a findar os temerosos exames. Pena é que os nossos jovens estudantes não sejam os primeiros nas boas classificações. Seria, também, um maravilhoso testemunho da Mensagem.

Aos que venceram, os nossos parabéns; aos que fracassaram a lembrança de que o futuro exame seja mais propício.

As férias

Aqui temos as férias, não só à vista, mas até mesmo à porta, ou já fruídas.

As férias destinam-se e, muito bem, para retemperar forças do corpo. Mas não há férias para a vida espiritual.

Dizem os mestres espirituais que parar na vida espiritual é morrer

Deste modo, quando partirmos para férias, não nos esqueçamos de levar connosco não só a Bíblia, mas também o Trimensário da Escola Sabatina, o exemplar da Revista Adventista com o Comentário às Lições da Escola Sabatina, e, finalmente, alguns livros do Espírito de Profecia.

Cuidemos do descanso do corpo, mas do pleno desenvolvimento da vida espiritual; e, quanto mais repousarmos corporalmente, tanto mais devemos trabalhar, espiritualmente.

Não nos esqueçamos de levar para férias o envelope de férias da Escola Sabatina que se destina a registar as lições e a receber as ofertas.

A. Casaca



Os membros da Escola Sabatina e as prezadas visitas, no Barreiro

Do Barreiro e Baixa da Banheira

No pensamento de que estas notícias levem alegria à nossa querida família, aqui vamos expôr em breves linhas alguns belos frutos do trabalho destes vossos irmãos do Barreiro e Baixa da Banheira.

Como todos vós dedicamos o dia 12 de Março a um programa especial da Escola Sabatina ao qual tivemos a alegria de ver presentes além da maior parte dos membros, cerca de 35 visitas a quem a nossa Escola foi especialmente dedicada.

No dia 19 iniciamos a semana de oração dos Jovens que decorreu sob a orientação da direcção deste departamento realizando-se as reuniões simultaneamente nas duas igrejinhas, ou seja, Barreiro e Baixa da Banheira. Tivemos sempre uma assistência regular embora não fosse tudo quanto desejávamos. Os jovens tiveram a seu cargo a maior parte das mensagens e tivemos o privilégio de ver coroada esta maravilhosa semana com três jovens mais, no seio da Igreja, pelo baptismo.

Como era de prever reunimo-nos todos no último dia (Sábado) para que, como um só exército nos reconsagramos ou consagramos (pois alguns era a primeira vez que assistiam) ao Senhor. Após o apelo feito pelo sr. director subimos à tribuna onde foi feita a oração de reconsagração pelo obreiro da nossa igreja, enquanto alguns dos jo-

vens seguravam, em nome dos demais, as fitas pendentes da Bíblia que simbolizavam os canais do áureo óleo que pelo Espírito do Senhor dela brotam. Foram momentos inesquecíveis.

Sendo também o dia 26 o décimo terceiro Sábado quisemos também gravar nestas páginas a preciosa colaboração dos nossos pequeninos e daí os termos fotografado à parte para conhecerdes o nosso viveiro.

Resta-nos por agora enviar-vos as nossas saudações e dar-vos a certeza de que jamais nos esquecemos de vós nas nossas orações. **MA-RANATA.**

O director dos M. V.
Abílio Echevarria

De Almada

Festa das Mães

Com o luzimento do costume, realizou-se nesta igreja a festa das mães. Mais uma vez os nossos jovens se esmeraram em apresentar, esta singela como simpática festa que constitui uma homenagem às nossas mães. A nossa sala estava repleta de assistentes, e no final a assistência delirante homenageou os nossos jovens com o seu carinho e simpatia, expressando o seu contentamento por ter assistido aquele acto. Os jovens sempre dinâmicos prepararam-se já para uma outra festa a realizar muito em breve. E assim a nossa juventude guiada pela sua directora Ana Bernardo, e coadjuvada na parte musical pelo jovem Carlos Diogo, vão dando prosseguimento ao seu programa de movimentação da igreja.

Campanha das Missões

É de louvar o esforço empreendido pelos nossos jovens que tomaram sobre seus ombros a responsabilidade de eliminar o grande «Goliath». Cada domingo saíam com alegria para o trabalho, e era vê-los ao regressarem todos contentes com os seus molhos, interessantes



Os jovens que corresponderam ao apelo, seguram as fitas simbólicas

eram também os seus testemunhos que cada Sábado no $\frac{1}{4}$ hora missionário davam, acerca das diversas experiências tidas durante o seu labor, alguns diziam que quando começavam iam frios e receosos mas depois de começar nada os podia deter já, e o alvo que se propunham era esse que alcançavam. Obrigado valorosos jovens de Almada, queira Deus que sempre assim continueis. Mas não é menos de louvar o esforço dispendido, pelos «Jovens» mais velhos, que à parte de uns poucos, se esmeraram também e alguns não quiseram ficar atrás e fizeram mesmo muito mais do que os outros jovens. Obrigado também bons irmãos de Almada pela vossa compreensão neste dever. Está pois de parabéns a igreja de Almada pelo zelo dedicado pelos seus filhos, que a par do trabalho missionário que desenvolvem sempre com tanto carinho, o fazem de igual modo para com os alvos da sua igreja.

Não quero deixar de salientar o trabalho realizado pelo jovem José Borges Pacheco de Lima que além do seu zelo e fidelidade demonstrados durante o tempo que esteve na Guiné, não esqueceu mais este, de que a fotografia nos dá uma



Alguns dos participantes no Programa do 13.º Sábado em Vila do Conde

vista distribuindo literatura aos militares que com ele privaram e bem assim conseguiu uma boa quantia para o alvo da nossa campanha. Por tudo isto muito obrigado prezado jovem.

Baptismos

Mais uma cerimónia baptismal se realizou na nossa igreja, com o agrado e contento de todos, é certo que foram poucos porque por motivos imprevistos alguns tiveram que deixar para a próxima vez, mas de qualquer modo não quize-mos deixar de responder ao apelo dos nossos irmãos da Conferência Geral, para este dia 18/6/66.

Esperamos com o auxílio do Senhor já no mês que se segue, Julho, realizar outra sessão em que entrarão as almas que agora o não puderam fazer e mais as que estamos preparando para essa data.

É assim a nossa igreja vai de progresso em progresso, estamos desejosos de chegar aos 100 membros que já poucos faltam; ajudai-nos com vossas orações para que se consiga em breve este desejo que não é só nosso mas acreditamos que também é vosso.

Adelino Nunes Diogo

De Vila do Conde

A Igreja de Vila do Conde acaba de ser aumentada com mais cinco almas, o que eleva o número de seus membros a vinte e um.

Foi no Sábado 18 de Junho que, juntamente com os candidatos da Igreja do Porto, e, no baptistério desta mesma Igreja, deram público testemunho de sua fé, fazendo-se baptizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Foi celebrante o Pastor António Simões Baião.

Entre os candidatos, havia duas almas de Arcos de Valdevez, — pitoresca vila minhota próxima da fronteira norte de Portugal com a Espanha, e onde o Evangelho encontrou acesso ao lar da família Fernandes Araújo, graças ao trabalho missionário de um membro da Igreja de Oliveira do Douro.

Ali contamos, presentemente, com cinco almas baptizadas, além



O Furriel Miliciano José Borges distribuindo literatura aos seus companheiros

de alguns interessados e simpatizantes.

Nas fotos, vemos o grupo dos crentes recentemente batizados, e grande parte dos membros da Igreja de Vila do Conde, incluindo os seus «cordeirinhos».

Os meus votos, — particularmente para os novos membros, — é que este acto tenha sido o início duma feliz e genuína experiência na vida cristã, experiência essa que culmine na posse do Reino Eterno, prometido a todos os que amam a Deus e guardam os Seus Mandamentos.

Côncio de que o «fim» se aproxima, e de que gigantesca é a tarefa que a Igreja tem diante de si para advertir o mundo do «juízo vindouro» e chamá-lo «das trevas para

Lucas: «Perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações... E, perseverando unânimes, todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo». E, isto, para que os resultados sejam os mesmos, então, registados: «E todos os dias acrescentava o Senhor, à igreja, aqueles que se haviam de salvar». (Act. 2:42, 46, 47).

R. M.

De Portalegre

Campanha da Bíblia na Mão

No dia regulamentar, proposto pelo plano da União, começamos os estudos Bíblicos. Os convites foram profusamente distribuídos e era com grande expectativa que aguardávamos o apelo aos convites.

Não tivemos o acolhimento esperado, mas foi animador logo no primeiro dia. No segundo dia a assistência aumentou e o nosso prognóstico de Bíblias foi ultrapassado, em vez de vinte Bíblias tivemos de encomendar mais e foi com 35 Bíblias que continuamos.

Alguns foram desistindo e finda a série de estudos, entregamos 25 Bíblias. Muitos continuam a ser assíduos aos cultos, mantemos amizades e visitamo-los periodicamente. Temos esperança de ver resultados concretos num próximo futuro.

Falecimento

Com a avançada idade de 84 anos, faleceu no Reguengo, nos arredores da cidade, o irmão Joaquim Pedro Bezerra. Era o irmão mais antigo, pelo menos no conhecimento da Mensagem, nesta freguesia.

Recordando o que havia pouco me revelou, parece ter conhecido pela primeira vez a mensagem em Lisboa, onde tinha ido com a esposa para consultar um médico, e na casa onde ficaram recebiam a visita para estudos Bíblicos, do Pastor João de Sá. Ao regressarem foram pouco depois visitados pelo mesmo pastor, que batizou a Es-

posa pouco depois. O irmão Bezerra no entanto não se decidiu senão vários anos depois, sendo batizado em 25 de Fevereiro de 1933, sendo sempre fiel até à morte, pelo que terá direito ao cumprimento da promessa do Senhor de Apocalipse 2:10.

Era viúvo havia muitos anos e era pai do Irmão António Bezerra e sogro da Irmã Justina Miranda Bezerra, e parente chegado do Irmão Emílio Relvas.

Aos irmãos seus entes queridos, desejamos o conforto da Palavra de Deus.

Campanha das Missões

Como todo os anos, fizemo-nos a pergunta: se este ano poderíamos alcançar o objectivo desta Campanha: Daí a expectativa com que fazemos os planos de trabalho e saímos o primeiro dia.

Estavam-nos reservadas algumas surpresas. O nosso entusiasmo começou a contagiar outros embora tivéssemos vaticinado a dificuldade de colaboradores, estes nunca faltaram e foram cerca de 25 pessoas que nos deram a sua colaboração e 13 receberam o seu diploma pelo seu sacrifício e tempo de trabalho

Salvo muito raras excepções fomos bem recebidos pelo público, que parece compreender já o nosso programa missionário.

Um ex-oficial do exército contou-me mesmo um episódio passado com ele e a sua patrulha perdidos durante alguns dias no norte de Moçambique e que depois de indagarem dos nativos se havia brancos por ali, foram guiados à Missão de Mungulúni, onde permaneceram alguns dias a recuperar forças e a formar amizades com o pessoal da Missão, que classificou como oásis. Deus tem uma obra para terminar e está enviando o Seu Espírito Santo para que o público seja liberal. Várias pessoas nos pediram que orássemos pelos seus problemas.

Que os milhares de revistas e outra literatura entregue, os milhares de contactos e as ofertas entregues, possam ser abençoados assim como os seus liberais doadores.



Os jovens batizados no fim da Semana da Oração, no Barreiro

a maravilhosa luz do Evangelho», rogo a Deus que Se digne baptizar, também, com Seu Santo Espírito, estas almas, capacitando-as, assim, para contribuírem com suas vidas, esforços e testemunho para o avanço da Causa de Deus na Terra, de modo que, por meio delas, o Nome de Jesus seja glorificado, e muitas outras almas sejam levadas aos pés d'Aquele que «veio buscar e salvar o que se havia perdido».

Finalmente, que o Senhor Se digne, também, apossar-Se de toda a Igreja e, limpando-a, purificando-a, envolvê-la numa atmosfera de graça e poder, de modo que ela alcance a experiência dos cristãos primitivos, dos quais, escreve S

Um animado grupo de jovens faz parte da Sociedade da Igreja de Portalegre. Com entusiasmo realizaram a tradicional Festa às Mães, que teve lugar no dia 22 de Maio.

Deram a sua valiosa colaboração na Campanha das Missões, especialmente aos Domingos. Tudo voltava animado e contando esperiências.

Um grupo prepara-se para fazerem o seu exame para Investidura nas Classes Progressivas, para o que contamos com a visita do Secretário para a Conferência Portuguesa, Pastor Baião, no princípio de Julho próximo. Continuamos com a suas reuniões todas as semanas, nas quais temos concursos, ensaios de coros, classes progressivas e sempre se encontra ocasião para recreação e jogos sociais.

Que o Senhor nos conceda sabedoria para guiar estes jovens para mais perto do Seu Salvador.

Baptismos

Não nos foi possível realizar baptismos neste mês de Junho, mas esperamos poder ter uma ou mais sessão baptismal neste verão.

Pedimos aos leitores da Revista que orem ao Senhor pelos nossos jovens, por estas Igrejas e pelo trabalho que nos está confiado nesta zona de trabalho.

Vosso amigo e irmão em Cristo

Francisco Cordas

Da Figueira da Foz

No dia 4 de Junho, foi inaugurada em Santana, uma nova sala de culto, situada precisamente na antiga garagem onde em princípio nos reuníamos, e que agora em virtude das obras ali realizadas, apresenta um aspecto muito atraente.

Esteve presente na inauguração, o prezado pastor David Vasco, que tomando como base alguns textos do capítulo 4 do Evangelho escrito por S. João, nos mostrou que não é tanto o lugar onde o culto se realiza, que mais conta, mas sim o espírito em que o mesmo culto é prestado a Deus.

O pastor Vasco apresenta ainda alguns aspectos do nosso trabalho nas ilhas dos Açores e Madeira,

Ofertas Natalicias de Gratidão

(Continuação da pág. 4)

mens que sentem doer a consciência se negligenciarem o dever quanto à beneficência. Poucos, apenas, são possuídos de remorso por roubarem diàriamente a Deus».

Ao recordarmos as citações acima, é muito evidente que a maioria de nós não temos dado nossas ofertas de gratidão tão liberalmente como deveríamos. Oxalá todos nos impressionemos com as importantes lições que Deus para nós conservou em registo, e oxalá demos liberalmente nossas ofertas de gratidão, a fim de que possamos receber as contínuas bênçãos celestiais. Lembremo-nos de que os fundos assim dados, quando de tempos em tempos são arrecadadas na Escola Sabatina as Ofertas Natalicias de Gratidão, são independentes das contribuições regulares da Escola Sabatina. Representam uma dádiva de gratidão pela bondade de Deus a cada um de nós, Seus filhos. Esses fundos serão usados para levar a história do Evangelho aos que ainda esperam em trevas. Que o Senhor nos dê um espírito de gratidão e liberalidade!

mediante várias projecções que muito agradaram à assistência.

No dia 18 realizámos ali a festa das Mães, apresentando algumas poesias e peças nas quais os nossos jovens tomaram parte, deixando em toda a assistência, que enchia literalmente a sala, uma muito boa impressão que por certo tão cedo não se apagará, pois nos olhos de algumas pessoas viam-se lágrimas.

No final, foi entregue pela irmã Mania Alice Borges, um ramo de flores à mãe mais idosa e outro à mãe mais nova, presentes na sala. Um bom número de crianças também recebeu uma flor, cada, que entregaram a suas mães, tendo por certo ficado muito sensibilizadas.

Mas, irmãos, o povo de Santana e nós, necessitamos das vossas orações, pois enquanto lá não íamos,

APENAS UM OLHAR

(Continuação da pág. 3)

32:3 e 4. Este o seu estado. Não se perdeu, porém. Levantando os olhos para Jesus, honrou a verdade, quando Natã veio ter com ele e lhe mostrou o pecado. «Confessei-Te o meu pecado, e a minha maldade não encobri; dizia eu: Confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e Tu perdoaste a maldade do meu pecado.» E agora lhe veio a alegria, de que falam os dois primeiros versículos do Sal. 32: «Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa maldade, em cujo espírito não há engano.»

Ó Deus maravilhoso e clemente! Mesmo de um caso desses, com toda a miséria que traz em sua esteira, pode o Todo-misericordioso tirar salvação e bênção. Ficam consequências penosas — e não obstante não faltam a misericórdia e a bênção àquele que diàriamente ergue os olhos para Jesus, tal como o antigo Israel devia olhar à serpente de metal. — *Der Adventbote*, 12-2-55.

mais ninguém ia, agora, outra denominação religiosa já tem também uma sala, o que prova que ali há almas sinceras e o diabo não está contente, procurando lançar a confusão.

Ainda no dia 18 de Junho, da parte de tarde, fomos a Vieira de Leiria, onde, num tanque situado na propriedade do nosso irmão João Martins, realizámos uma cerimónia baptismal, sendo baptizada a jovem Maria Isabel Amaral da Silva, filha do nosso irmão José Gomes, residente na Marinha Grande.

Que o Senhor guie e ajude esta nossa jovem irmã a quem desejamos, e a sua família também, as muitas bênçãos de Deus.

Vosso cooperador no Evangelho

Arnaldo Borges Macedo

❶ **nosso Concílio Ecuménico**

(Continuação da pág. 1)

tante sessão, que vos direi? Tremo só com o pensamento de aceitar a minha responsabilidade solene, que me é proposta. Nunca se encontrou, no lugar que eu ocupo, neste momento, um homem que, mais do que eu, tenha necessidade das vossas orações e do vosso apoio. Com a ajuda de Deus e a cooperação dos dirigentes de valor na Obra, em todos os pontos do Mundo, vou esforçar-me por fazer o melhor. A minha fé na nossa Mensagem, a certeza que eu tenho do seu triunfo final e rápido nunca foram mais fortes que hoje.

Desejo convosco consagrar a minha vida à conclusão da tarefa da Igreja, nesta geração. A profunda emoção que eu sinto não me deixa falar mais; por isso me limito a pedir-vos a todos vós, aqui presentes, neste vasto anfiteatro que unamos os nossos corações, as nossas mãos e os nossos espíritos para que a causa de Deus possa progredir e desenvolver-se, mais que nunca».

Não tenho palavras, prezados Irmãos, que sejam capazes de traduzir a grandiosidade desta Assembleia.

Basta dizer-vos que em todas as suas reuniões se fez sentir, em alto grau, como já disse, uma notável espiritualidade».

Tudo se realizou no dinamismo de uma grande fé que alimenta a «bem-aventurada esperança».

Tive o singular privilégio de efectuar inúmeras visitas a centros adventistas portugueses que naquelas longínquas terras esperam, como nós, a vinda gloriosa do Salvador.

Contactei com milhares e milhares de Irmãos, todos eles verdadeiros exemplos de fé ardente nas promessas de Jesus.

Prezados Irmãos! Sabemos que o Senhor Jesus voltará, em breve.

Esforcemo-nos por abreviar a sua gloriosa vinda, para que em breve nos possamos encontrar, sem diferenças de línguas nem de latitudes, apregoando as misericórdias do Senhor.